OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte), m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..... ..	4$000	2$000	—$——	—$——
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$——	—$——

28.º Anno — XXVIII Volume — N.º 940

10 DE FEVEREIRO DE 1905

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Typ. Ferreira & Oliveira, Lt.ª — Rua d'Alegria, 100

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CONDE DE LA VIÑAZA

NOVO MINISTRO DE HESPANHA EM LISBOA

Chronica Occidental

Não foram de paz, muito pelo contrario, os dias que passaram. Se não lembraram em Lisboa o cyclone que, na costa da provincia de Moçambique, correu, com uma velocidade de 37 metros por segundo, erguendo as ondas do mar e derrubando as arvores em terra, n'outros paizes da Europa, e especialmente na Russia, ficarão elles memoraveis na historia, e ainda agora vamos talvez no principio d'uma das mais valentes e justas revoluções.

No *Rire*, jornal francez que nem sempre é para rir, vimos no ultimo numero uma tragica estampa. Estão n'um largo estendidos cadaveres sem numero. E' no dia 22 de dezembro. Manda o Czar que os disfarcem em japonezes, e pergunta-lhe alguem: — E tambem as crianças?

De todos os horrores da revolução aquelle que mais commoveu o mundo foi a prisão de Maximo Gorki, que, com alguns companheiros seus, homens de letras, faziam parte da commissão encarregada de saber até que ponto se exerceria a repressão contra os operarios que desejavam entregar uma representação ao imperador. Nenhuma auctoridade os attendeu, nem o ministro do interior, nem o seu adjuncto, nem o presidente do conselho. No dia seguinte eram todos presos, em suas casas, excepto Gorki que sahira de S. Petersburgo e foi preso em Riga, onde tinha ido visitar um parente que adoecêra.

Disseram telegrammas que Gorki seria condemnado á morte, enforcado, que o mais assombroso talento dos tempos modernos, por ordem d'um qualquer carrasco militar, ás mãos d'um carrasco de profissão, teria breve seu final.

Elle, que das trevas em que vivêra viera entornar luz sobre o mundo, veria contra si voltarem-se os fanaticos das trevas!

Então o resto do mundo, que bem sabe dever ao sol a vida, revoltou-se contra a infamia. Um grito de dôr e de raiva eccoou por toda a Europa e pela America. Reuniram-se os homens de lettras em França e na Allemanha e os deputados na Italia. Gorki não era da Russia, era do mundo; as leis absurdas e absolutas, que são a força do governo russo, não haviam de ter poder contra aquelle que, no mesmo espaço de tempo em que tantas glorias cahiram, em que tantos nomes se esqueceram, fundou sua gloria para toda a eternidade, tornou seu nome conhecido em todas as nações civilisadas.

Uniram-se para o mesmo fim os estudantes de Lisboa no Atheneu Commercial e os homens de letras na grande sala da Associação dos Lojistas. Se n'esta reunião, em algumas das propostas, o acordo não se estabeleceu, mais do que em acordo estavam os corações de todos no motivo que ali os juntaram, e esse era o ponto importante. Aos jornaes de Berlim e de Paris que mais em evidencia se puzeram na questão a favor de Gorki e contra o governo do Czar, foi pelo telegrapho communicada a adhesão dos homens de letras de Lisboa.

Nova reunião esteve para effectuar-se no Atheneu Commercial, a qual foi prohibida por ordem do sr. governador civil de Lisboa, naturalmente por motivos de ordem muito differentes das razões apresentadas por alguns jornaes que defenderam o acto de auctoridade.

As relações com a Russia são muito mais apertadas n'outros paizes, onde, no entanto, as reuniões de protesto contra o que se passa no imperio do Czar, continuam a effectuar-se e levantando o maior brado por toda a parte.

Na propria Russia lhes teem dado, por vontade ou sem ella, a attenção que merecem. E' possivel que os partidarios da revolução tenham espalhado noticias falsas ou pelo menos exageradas. Estará n'este caso, talvez, a condemnação á morte que ergueu n'um grito unisono, a favor do grande escriptor, os homens de todas as nações. Mas tambem, pelo outro lado, as falsidades não teem faltado, o esconder ou diminuir o numero de victimas, e até, segundo as ultimas informações, essa risivel comedia dos operarios recebidos em palacio e que d'ali foram jantar e beber á saude do Czar.

Muitos dos que á porta do Atheneu Commercial tiveram conhecimento de que não se realisaria a projectada reunião, seguiram d'ali para a estação do Rocio, onde, vindo no expresso do Porto, devia desembarcar o Dr. Bernardino Machado, um dos deputados propostos em Lisboa pelo partido republicano,

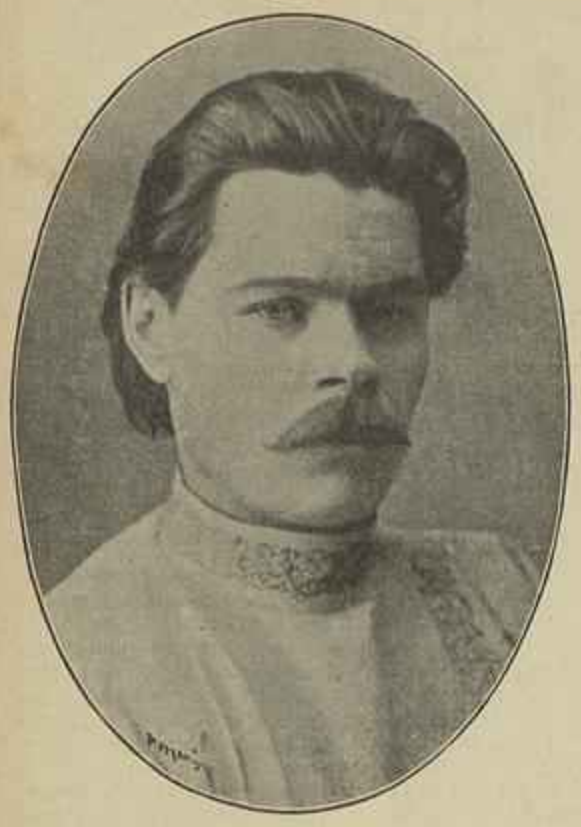
Começaram os vivas logo que o comboio, sahindo do tunnel, entrou nas linhas da estação. Lá em cima e no vestibulo inferior foi outra vez o Dr. Bernardino Machado applaudido pela multidão que o esperava. Quando appareceu á janella do Hotel Internacional, a praça dos Restauradores estava cheia de gente, a tal ponto que foi preciso interromper o transito dos carros electricos. Foi então que a policia interveio e começou a distribuir pranchadas, que darão talvez aos republicanos mais alguns votos. O conflicto durou bastante tempo, e era mais de meia noite, quando, com a retirada de cada qual para sua casa, o Largo de Camões e arredores se viram no costumado socego.

Devem no proximo domingo realisar-se as eleições, que estão despertando bastante a curiosidade, pelo que diz respeito aos republicanos e aos do partido do sr. João Franco.

O sr. José Luciano de Castro deve n'estes ultimos dias ter passado amarguissimos bocados, porque tem sido atacado com uma violencia muito fóra do vulgar, pelo menos em jornaes monarchicos. Bem se vê que tabacos e phosphoros são coisas proprias de arder; mas as discussões teem sido inflammadas e teem ido tão longe, que os mais pacatos em politica é com verdadeiro frenesi que arrancam aos vendedores de jornaes o *Mundo*, o *Seculo* e as *Novidades*.

Não ha distracção possivel que faça esquecer a questão magna. Póde o sr. Sarti novamente no Conservatorio dar-nos o mais bello dos concertos, pode voltar a dar-nos noites de gargalhada a encantadora Carlota Wiche, nos intervallos ninguem falará da Palestina ou Perosi, de mimica primorosa ou das escabrosidades das peças francezas, hoje em Portugal ha apenas dois assumptos: tabacos e phosphoros por um lado e pelo outro os máos lençoes do sr. José Luciano.

Estou até convencido que o assumpto até a velhos e crianças affligirá nos melhores momentos,



MAXIMO GORKI

que estas ouvirão distrahidas os tres actos da *Gata Borralheira* e que aquelles se esquecerão de ir applaudir a Virginia quando esta nos reapparecer com todo seu fulgentissimo talento, domingo, nos *Peraltas e Secias*.

Ninguem ouviria com attenção *Os tres anabaptistas*, ninguem puxará por ella para escutar o menino prodigio, Miccio, que aos dez annos tem já notoriedade como pianista, ou a celebre violinista Stefi Geyer, que, no domingo, 19 se deve estrear no theatro D Amelia.

Teremos talvez de sahir de Portugal para nos entretermos com um bocadinho de arte, ainda que seja de arte portugueza.

Effectivamente em Hespanha começa a pensar-se um pouco em Portugal. O escriptor hespanhol Ribera Rovira fez ha dias em Barcelona uma conferencia sobre a arte de musica em Portugal, á qual se seguiu um concerto em que foram tocados trechos de Alfredo Keil, Vianna da Motta, Oscar da Silva e dos professores do nosso conservatorio Augusto Machado, Rey Collaço, Neuparth e Francisco Bahia.

Tambem se annucia para breve o apparecimento em Madrid de uma revista *El Renascimento Latino*, para cuja collaboração, escripta em lingua portugueza, já foram convidados muitos dos nossos primeiros escriptores. Redactor correspondente d'esta nova revista será em Lisboa o distincto poeta Ribeiro de Carvalho,

Falando da arte não devemos esquecer a sciencia nem deixar de felicitar pelo premio agora obtido o illustre mathematico, tão modesto quanto illustre, o sr. Campos Rodrigues, director do Observatorio da Tapada, pelos trabalhos effectuados sobre a trajectoria do planeta Eros.

Outras artes ou sciencias conseguem despertar maior curiosidade, mas n'essas não são geralmente portuguezes os mais afamados. O padre Vieira chamou-lhe arte, mas de então para cá progrediu muito e invadiu os dominios da sciencia. O heroe d'estes ultimos dias foi o argentino que fez mão baixa a tudo quanto dormia socegadamente a noite na ourivesaria *Muralha d'oiro*. O proprietario tem de offerecer ao guarda nocturno salvador, attendendo ao milagre, pelo menos uma gazua de cera.

E emquanto esperamos pelas promettidas maravilhas do carnaval, continuaremos a falar de phosphoros e de tabacos.

João da Camara.

CONDE DE LA VIÑAZA

E' actualmente embaixador de Hespanha em Portugal o sr. D. Cypriano Muñoz y Manzano, conde de La Viñaza.

Além de um diplomata distincto, o novo representante de Hespanha em Lisboa é um litterato de grande merito, e o seu nome é hoje dos mais considerados na Academia de Hespanha e na Academia de Historia de Madrid, sendo além d'isso socio correspondente da Academia de Bellas Artes de S. Fernando e das Boas Lettras de Sevilha e de Barcelona.

Como se não bastasse a recommendar o nome de sua excellencia entre os membros mais illustres do corpo diplomatico que têm assistencia n'esta côrte, os elevados titulos de gentil-homem da camara de Sua Magestade Catholica, de licenciado em direito, de doutor em philosophia e lettras, de cavalleiro e grã-cruz do Merito Militar e das Ordens de Isabel a Catholica, de S. Gregorio Magno e senador por Huesca, o sr. conde de la Viñaza tem os seguintes trabalhos que lhe dão os fóros de um erudito e de um investigador estudioso, qualidades reveladoras d'uma organisação intellectual superior, que se impõe á admiração e consideração dos doutos e dos sabios:

Goya, o seu tempo, a sua vida e as suas obras; *Aurelio Prudencio Clemente, poeta hispano-christão*, estudo critico e biographico, premiado em concurso publico; *Obras soltas de Hupercio e de Bartholomeu Leonardo Argensola*, colleccionadas e annotadas; *Bibliographia hespanhola das linguas indigenas da America*, premiada em concurso publico aberto pela Bibliotheca Nacional em 1891; *Congresso internacional de orientalistas*, escriptos de portuguezes e de hespanhoes, referentes ás linguas da China e do Japão; *Bibliotheca historica de philologia castelhana*, obra premiada pela Real Academia Hespanhola, etc.

Pela lista que damos acima dos serviços prestados á litteratura hespanhola pelo sr. visconde de La Viñaza, facilmente se deprehende do valor d'elles e a profunda educação litteraria de sua excellencia.

Como diplomata sua excellencia desempenhou de agosto de 1895 a novembro de 1897, com superior criterio e extrema distincção, o cargo de ministro de Hespanha em Bruxellas, onde conquistou grande numero de sympathias e deixou as melhores impressões dos seus meritos n'aquelle elevado cargo.

Espirito culto, de educação esmerada nos mais aprimorados dotes de cortezia e professando em grau elevado um quasi fanatismo por tudo que a arte tem de bello e grandioso, tal é a breves traços o nobre embaixador de Hespanha em Lisboa, duas vezes nobre pelo seu titulo nobliarchico e pelo seu talento.

CONGRESSO DE BENEFICENCIA

Segundo as bases approvadas pelo ministerio do reino em 19 de julho de 1904, organisou-se no Porto um congresso de beneficencia, cuja sessão inaugural e primeira sessão ordinaria se realisaram no dia 25 de janeiro, na galeria dos retratos da Santa Casa da Misericordia n'aquella cidade.

Occupou a presidencia o sr. D. Antonio Barroso, Bispo do Porto, servindo de secretarios os srs. conselheiro Wenceslau de Lima e João Baptista de Lima Junior, presidente da camara municipal d'aquella cidade.

Na assembléa estavam representados alguns congressistas, a mesa da Misericordia, os representantes dos estabelecimentos de caridade do Porto e differentes delegados de instituições congeneres de Lisboa e provincias.

No seu discurso o reverendo prelado demonstrou quanto a cidade do Porto, pelo seu entranhado affecto ao trabalho e desejos de avançar, progredir e desenvolver-se, mereceu sempre a admiração de todos e como entre os seus titulos mais nobres avulta o sentimento da caridade e o da generosa compaixão por todas as miserias.

Justo é que o primeiro congresso portuguez de beneficencia se realise n'aquella cidade, quanto mais que foi ali que começaram a fructificar as primeiras instituições de caridade, e dentro do edificio da Santa Casa da Misericordia, porque é de todas as instituições portuenses a que maior numero de obras de caridade tem praticado.

Aproveita o ensejo para louvar a direcção d'aquelle importante estabelecimento que demonstra o mais decidido zelo e interesse para levar ás classes indigentes a protecção e o amparo que não tem.

N'aquelle congresso o que se procura é fazer crescer o enthusiasmo que se tem notado pela beneficencia, mas de fórma que d'ella resulte, de um modo pratico e util, o bem que de tão sympathica obra ha a esperar.

Não ha forças humanas que possam extinguir a miseria; mas ao menos faça-se por minoral-a.

Ao sr. D. Antonio Barroso seguiram-se no uso da palavra o sr. dr. Forbes de Magalhães que explicou a origem do Congresso e a fórma como se iniciaram os trabalhos para a sua realisação; o

DR. FORBES DE MAGALHÃES

PROVEDOR DA MISERICORDIA DO PORTO

sr. conde de Samodães que justificou a sua interferencia no congresso, embora não pertença á commissão promotora, que é composta de membros das principaes instituições de caridade, apresentando algumas propostas de agradecimento aos differentes iniciadores do Congresso e propondo mensagens de reconhecimento a S. Magestade El-Rei D. Carlos, provedor perpetuo da Santa Casa da Misericordia do Porto, e presidente das principaes instituições de beneficencia do paiz; a S. Magestade a Rainha Senhora D. Amelia e a S. Magestade a Rainha Senhora D. Maria Pia, propostas que foram approvadas por acclamação; o sr. provedor da Misericordia de Filgueiras que propoz verbalmente que o Congresso manifeste o seu reconhecimento ao sr. conde de Samodães, pela parte que tomou na realisação do Congresso; e o sr. dr. Arthur Ferreira de Macedo, que depois de elogiar as propostas do sr. conde de Samodães leu uma exposição desenvolvida accentuando o seu modo de pensar a respeito do Congresso.

Seguidamente realisou-se a 1.ª sessão ordinaria que iniciou os seus trabalhos, nomeando os differentes membros que hão de compôr a mesa durante as suas sessões e as commissões para dar pareceres sobre diversas propostas apresentadas.

N'esta sessão ainda o sr. conde de Samodães apresentou o parecer da commissão encarregada de examinar as memorias entregues e que são as seguintes:

Memoria do sr. Victor Maximiano Ribeiro, illustrado e estudioso escriptor, sobre beneficencia, com um plano geral da sua organisação e referencias aos seus escriptos no assumpto.

Diversas e importantes memorias manuscriptas e impressas do esclarecido provedor da Misericordia de Alcobaça o sr. Francisco Baptista d'Almeida Pereira Zagallo.

Interessante memoria sobre a caridade na Ilha da Graciosa, pelo sr. Antonio José de Bettencourt, ouvidor ecclesiastico na mesma ilha.

Memoria do grupo de beneficencia da Foz do Douro, sobre os soccorros aos tuberculosos; trabalho valioso, pelo seu presidente, sr. Antonio Baptista Alves de Lemos.

Memoria do sr. Bento Carqueja, sobre os institutos de previdencia e soccorros domiciliarios.

Memorias impressas sobre o Collegio da Regeneração em Braga; trabalhos valiosos ácerca do saneamento moral das mulheres decahidas.

Memoria do sr. Antonio Joaquim Ferreira do Espirito Santo, sobre as irmandades do Terço e da Lapa.

Memoria do provedor da Misericordia d'Abrantes, sr. José Alves Ferreira de Moura, manifestando o seu parecer sobre uma lei geral de beneficencia, e federação local, como nos soccorros mutuos.

Memoria do sr. Antonio Martins Pinto Leal, vice-presidente da Sociedade de Beneficencia, e Dispensario, ao serviço da Assistencia Nacional aos Tuberculosos de Lisboa; contem varios alvitres sobre impostos em favor da beneficencia, e instrucção publica.

Memoria do rev. padre Sebastião Leite de Vasconcellos, e outras impressas sobre a officina de S. José. O illustre sacerdote apresenta para modelo dos soccorros domiciliarios as conferencias de S. Vicente de Paula e outras lembranças uteis.

Memoria do sr. provedor da Misericordia da Lourinhã, em que opina por duas unicas Misericordias geraes em Portugal, com séde no Porto e Lisboa.

Memoria do sr. Ernesto da Silva, presidente e mais vogaes do Albergue dos Invalidos do Trabalho de Lisboa. Interessante escripto sobre a independencia das instituições de beneficencia e suas organisações.

Memoria do provedor da Misericordia do Porto, sr. José Antonio Forbes de Magalhães, em que discorre sobre todos os pontos do programma do Congresso.

Memoria do antigo provedor da Misericordia do Porto, conde de Samodães, em que trata das diversas escolas socialistas, e responde ao primeiro quesito do programma.

Por estes trabalhos que a commissão estudou, se poderá avaliar a importancia do Congresso, devendo todas estas memorias ser discutidas e apreciadas no decorrer das sessões.

N'esta sessão usou da palavra o sr. dr. Forbes de Magalhães que se manifestou absolutamente contra a centralisação da beneficencia, entendendo que a caridade particular devia ser amparada e auxiliada pelo Estado e nunca auxiliar a caridade do poder central.

O sr. Sebastião de Vasconcellos que defendendo a sua memoria sustenta a necessidade do governo decretar uma lei que prohiba a mendicidade nas ruas e á porta das egrejas, o que constitue o desenvolvimento do vicio, o amor á ociosidade e o desapego á vida.

FR. MIGUEL CONTREIRAS

Commemoração centenaria

Completáram-se na data de 29 de Janeiro de 1905, quatrocentos annos, desde a morte do benemerito frade valenciano, que de longe trouxe para Portugal, que hoje bem póde consideral-o como gloria sua, a idéa ou pelo menos a energica e bondosa diligencia de transformar no instituto tão nacional das Misericordias, as velhas, tradicionaes e curiosas confrarias de caridade, que por todo o reino, especialmente nas cidades e burgos, d'entre as honradas classes de mesteiraes e artifices se haviam constituido desde os primeiros seculos da monarchia lusa.

Como em quasi todos os pontos de capital interesse para a reconstituição da vida social, economica e artistica do velho Portugal, as lendas piedosas, supprindo a falta de elementos positivos, entretecem a biographia, vagamente nebulosa das figuras venerandas de personagens historicas. A Caridade portugueza, nas suas primicias mal conhecidas, encarnou em varias destas figuras uma lendaria e poetica tradição. Da Santa rainha Mafalda, que fundou as albergarias nas serras; da Santa rainha Isabel toda caridade e amor, cujas lendas inda hoje echoam agradavelmente, seductoras, mesmo ao espirito incredulo, como um cantico da mais celestial e adoravel bondade humana; do velho Condestavel, cantado em trovas populares, pela caridade com que á porta do Carmo, com seu caldeiro matava a fome aos pedintes, de todos ficou a lenda, mais ou menos retocada pela admiração do povo, na sua ingenua e simples adoração e enlevo por tudo quanto é grande e quanto é bom!

As mais das vezes a tradição oral perpetrava memoria de factos singelos, discretamente velados pela modestia ou pela virtude christã de piedosas almas, e avolumando-lhes o merito, enaltecia ás culminancias da santificação os vultos eternamente chorados dos bemfeitores da miseria. A lenda da rainha Santa, que no sr. dr. Ribeiro de Vasconcellos achou condigno e abalisado chronista, confirmou-se nos seus fundamentos pela documentação, pelas memorias escriptas de suas piedades, pelos rastos archeologicos dos seus venerandos instinctos de caridade. De quantos outros se póde dizer o mesmo! Bartholomeu Joannes, o grande cidadão de Lisboa, sepulto na gothica capella da Sé Cathedral, onde instituiu seus merceeiros, o famoso bispo D. Domingos Jardo, o notavel e fidalgo D. Lopo de Almeida, e tantos mais, deixaram-nos a sua memoria e a de suas obras fixada em documentos escriptos em velhos pergaminhos ou gravados na dura pedra das campas, ou nos muros das egrejas, em caracteres que as gerações posteras ávidas e curiosas deletream.

O Valenciano Instituidor constitue porém ante a historia fria, concienciosa e sã, um mysterio indecifravel, um problema cheio de interrogações e de duvidas. Sobre a sua vida e as suas benemerencias apenas viceja, mil vezes repetida a lenda talvez veridica, quem sabe se phantasiosamente engrandecida, que a mão de piedosas chronicas lhe teceu, muitos annos depois da sua morte.

Desenhámos no livro em que a traços largos esboçámos a historia curiosa da fundação e desenvolvimento organico da Misericordia de Lisboa, a primeira e mais grandiosa do reino, as linhas geraes da biographia lendaria do celebre confessor da rainha D. Leonor. Alli, syntheticamente reproduzimos nos dois primeiros capitulos a tradição, segundo as narrativas das chronicas monasticas, no que respeita á vida e á interferencia do frade valenciano na instituição das Misericordias portuguezas. Fr. Miguel Contreiras, viveu é certo em tempo de D. João II, de D. Manuel e de sua irmã a rainha D. Leonor.

Infelizmente porém, ácerca da sua vida, e dos factos que o chronista da Santissima Trindade, e muitos outros escriptores não coevos nos referem a seu respeito, não tem apparecido documento algum. Em nenhum dos compromissos conhecidos, nem nas suas copias manuscriptas, nem nas cartas regias que os acompanham se encontra menção ou referencia ao veneravel Trinitario. Tão pouco elle apparece em qualquer documento das chancellarias do seu tempo; não resta delle testamento, carta, autographo algum. Sumiu-se, subverteu-se pelo terramoto a sua sepultura, talvez humilde e simples, no antigo convento da Trindade. Nenhum dos escriptores seus contemporaneos o cita, nenhum refere o seu nome ou as suas obras. Só quasi um seculo decorrido depois da sua morte, um frade da Ordem, fr. Bernardo da Madre de Deus, levanta o pregão de suas virtudes e provoca o famoso Inquerito, instaurado em 1575 e existente na Torre do Tombo, para tirar, segundo nesse documento se confessa, *do olvido em que caíra totalmente* a memoria do Instituidor; e só de então data a lenda escripta de suas virtuosas obras, tantas vezes copiada e repetida em diversos livros nacionaes e extrangeiros.

Altuna, Cardoso no *Agiologio*, o auctor da *Vida dos Varões e Donas*, o *Sanctuario Mariano*, Faria e Sousa e quantos outros, repetiram, com mais ou menos variantes a tradição originada no Inquerito de 1575.

Manuscriptos do Hospital Real das Caldas[1], Codices da bibliotheca da Universidade de Coimbra[2], duas cartas manuscriptas, sem data nem esclarecimento que as determinem, uma na Torre do Tombo (*cartas missivas*), outra num dos Codices de Alcobaça[3].

Nada nos fornece elementos que aclarem estas duvidas lancinantes.

E' de crêr que a penna dos chronistas registasse com calor justificadissimo, velhas tradições oraes tão persistentes e em geral tão profundamente verdadeiras, elemento que constitue um dos melhores e mais seguros guias do archeologo e do historiador. Mas, tambem não é difficil, suggerir-se-nos a idéa de que as vaidades e presumpções das ordens religiosas, sempre em rivalidades e disputas de primazias, procurasse, pela elevação moral de um seu confrade, mesmo além de tudo quanto auctorisasse a verdade historica, engrandecer e elevar a Ordem da Santissima Trindade, chamando para ella a gloria da instituição das Misericordias, essa florescente, benefica e abençoada creação regia, abraçada com apaixonado ardor por toda a nação portugueza.

Seja como fôr, aguardando sempre a possibilidade de algum achado precioso, que documentalmente prove factos mal elucidados, respeitamos a tradição gloriosa deste extrangeiro, nacionalisado. Assim como o nosso pio S. João de Deus, exilando-se da patria, foi levar com o seu nome portuguez a gloria imarcessivel de, o primeiro, levantar em pró dos infelizes desassizados o grito da compaixão, e de crear em terras de Castella os primeiros hospicios de alienados, aos quaes mais tarde o benemerito Pinel, e muito depois entre nós o Conde de Ferreira, haviam de ministrar tão salutar protecção, assim tambem o modesto e simples frade valenciano, trouxe, com exemplos sublimes de bondade e de caritativos sentimentos, a fundação nacionalissima das Misericordias portuguezas.

Não permittem os estreitos limites de artigo d'uma revista como O Occidente, largas dissertações. Por isso estas linhas são apenas uma nota commemorativa; seguil-a-hão quando o tempo e os materiaes colhidos o permittirem memoria mais extensa. Por agora, bastará registar que além das referencias que lhe fazem os chronistas e escriptores portuguezes e brazileiros, Fr. Miguel Contreiras tem sido objecto de commemorações significativas e tocantes. Foi por certo a primeira dellas a erecção da sua estatua, ao lado da do celebre José de Anchietta, na sala do banco do grandioso hospital da Misericordia do Rio de Janeiro. Depois, em 1896 o provedor da Misericordia de Lisboa, o dr. Thomaz de Carvalho, ordenou a collocação de uma copia do retrato de fr. Miguel, existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa, na sala das sessões, e por fim em 1898, por occasião da celebração do quarto centenario da Misericordia Portuense, foi o retrato do Instituidor solemnemente collocado na galeria dos bemfeitores, ao lado de muitos illustres e prestantes apostolos da beneficencia.

Agora, neste momento em que todas as Misericordias do reino deviam relembrar com frisantes commemorações a memoria do seu Fundador, teve a Misericordia do Porto a lembrança de assignalar esta data centenaria pela maneira mais consentanea e apropriada.

A celebração e glorificação do apostolo do Bem foi feita pela reunião, no Porto, e nas salas da Misericordia, do Primeiro Congresso Portuguez de Beneficencia Publica, no qual os mais dedicados, sinceros, intelligentes e zelosos servidores da Caridade e do Bem, da assistencia aos desvalidos, obrigação inalienavel das sociedades hodiernas manifestáram em affectivo connubio, as suas aspirações e os seus ideaes, procurando numa congregação de esforços e de vontades orientar e nortear o plano de uma reorganização geral, sensata, criteriosa, e bem intencionada da Beneficencia publica portugueza.

Foi esta sem duvida a maior, a mais util e mais proficua de todas as commemorações festivas: — a commemoração pelo trabalho, com a qual se procura eternizar, perpetuar, em harmonia com o meio social, as intenções caritativas, altruitas do frade trinitario, cujo papel lendario ou não, se acha indissoluvelmente acorrentado a uma irresistivel tradição historica de gloria nacional.

Victor Ribeiro.

[1] O *livro da fundação*, do Padre Manuel Jorge de S. Paulo, 1656.

[2] O codice n.º 334, de escripta muito anterior á *Chronica da Santissima Trindade*, segundo obsequiosa informação do douto e incansavel investigador sr. Augusto Mendes Simões de Castro.

[3] Codice n.º 475 da Collecção Alcobacense. Estas duas cartas escriptas em castelhano e assignadas *fr. Miguel*, nada dizem que possam esclarecer o assumpto. Foram-me denunciadas a primeira pelo sr. Pedro de Azevedo, distincto paleographo e investigador, e a segunda pelo meu excellente amigo sr. dr. Sousa Viterbo.

JOÃO DE AZEVEDO COUTINHO

Effectuou-se no dia 16 do mez passado a partida do capitão João de Azevedo Coutinho, novo governador geral da provincia de Moçambique.

Conhecem já todos bem os serviços que o sr. Azevedo Coutinho tem prestado em Africa, para que seja preciso remomeral-os n'esta simples referencia á sua partida.

O Occidente mais d'uma vez se tem occupado do valente e illustre official, sendo a ultima ainda no n.º 840, de 30 de abril de 1902, por occasião de ser nomeado commandante da expedição ao Barué.

Entre as mais apreciaveis qualidades de caracter que distinguem o novo governador de Moçambique, sobresaem as de energico e trabalhador, tendo a recommendal-o como funccionario a sua vasta illustração e grande conhecimento da provincia de que vae ser o supremo magistrado.

Do seu valor militar tem dado sobejas provas como chefe de varias columnas, que bateram regulos revoltados contra a auctoridade portugueza e contra o nosso dominio colonial.

Nas operações contra os Namarraes, dirigidas por Mousinho de Albuquerque e na maneira como se evidenciou na campanha do Barué em 1902, tem Azevedo Coutinho os mais notaveis titulos de gloria, gloria que enche o seu nome de prestigio e de respeito em toda a nossa costa africana.

Um dos seus primeiros trabalhos ainda guarda-marinha, foi a sondagem e levantamento do rio Muite, defronte da ilha de Moçambique, impresso mais tarde pelo almirantado inglez, pela Sociedade de Geographia Ingleza, pela de Lisboa, de Manchester e pelo nosso ministerio da marinha.

Desempenhando os logares de governador de

CONGRESSO DE BENEFICENCIA

D. ANTONIO BARROSO, Bispo do Porto — Presidente do Congresso

FR. MIGUEL CONTREIRAS
Instituidor das Misericordias em Portugal

TEMPLO DA CONCEIÇÃO VELHA, Primeira Misericordia de Lisboa

Quelimane e da Zambezia, deu muitos exemplos de ser um espirito ponderado e militar brioso, cheio de sensatez e de animo reflectido no conselho, como arrojado na lucta.

Ouvimos, a quem bem o conhece, e que com elle trocou impressões sobre a forma de governo que o sr. Azevedo Coutinho vae pôr em execução em Moçambique, que as suas idéas são todas de paz, de fomento e de administração cordata.

A sua longa carreira nas nossas colonias africanas tem-lhe feito nascer o desejo de as vêr prosperar e engrandecer, e é sua convicção de que essa prosperidade e engrandecimento deve vir com as administrações pacificas, de que o sr. Azevedo Coutinho vae fazer prova com a dedicação de um bom patriota, de um homem que não vae arrastado por ambições proprias, mas simplesmente pela ambição de ser mais uma vez util á sua patria.

João Evangelista d'Abreu

O engenheiro João Evangelista de Abreu, cuja apotheose a Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes celebrou n'uma das suas ultimas sessões, nasceu em 24 de dezembro de 1827 e morreu em 23 de fevereiro de 1869.

Não será, de certo, facil deparar muitos exemplos, como este, de uma carreira de funccionario tão rapida, quão brilhante. Na força da vida, aos quarenta e um annos de edade, finou-se o homem, mas não sem deixar o seu nome gloriosamente vinculado á historia das obras publicas de Portugal.

Seja-nos licito reproduzir aqui o esboço em que o seu biographo nos faz ver de relance e até o fim a manifestação de tão notavel individualidade.

. . . . . .

«Surprehende-o nos bancos da universidade, ao dar dos primeiros passos e já alistado no exercito, a revolução de 46. Não lhe soffre o animo combater contra a causa do povo; pelo contrario, impelle-o a alistar-se nas legiões da Junta do Porto.

Vê a sua causa perdida, mas não esmorece. Eil-o bem depressa em Coimbra, de novo compulsando os livros e pisando os ladrilhos poeirentos da via latina.

Bacharel em mathematica, breve, em Lisboa alcança na escola do exercito o titulo de engenheiro, e com taes notas que, apesar da sua fama de travesso e de revolucionario, acto quasi continuo, é nomeado para fazer parte do corpo docente da mesma escola.

Anhelando, porém, abrir horizonte mais largo á sua educação pratica, apresenta-se a concorrer ao pensionato do Estado fora do paiz, e com tanto exito que na lista dos candidatos preferidos o seu nome figura em primeiro logar.

Apenas chegado a Paris e ahi sujeito ao rigor do regimen da escola de Pontes e Calçadas, outra vez rapidamente se orienta e se torna senhor das normas do ensino. De triumpho em triumpho, attinge o fim do curso, e, dado o balanço geral ás suas provas de capacidade, obtem a primazia da ultima e definitiva promoção.

Assim laureado, recolhe ao seu paiz, e então como se circumstancias geraes tivessem preparado a opportunidade do seu advento, para logo lhe sahe ao encontro a empreza Salamanca, offerecendo-lhe o logar de engenheiro em chefe da construcção dos caminhos de ferro de Leste e Norte, isto é, a commissão mais brilhante d'aquella epoca.

Toma conta do serviço. Desenvolve os trabalhos com a intelligencia de que se ha mister. Acode a todos os pontos. Remove todos os obstaculos. Vence todas as difficuldades.

CAPITÃO JOÃO DE AZEVEDO COUTINHO
Novo Governador Geral de Moçambique

JOÃO EVANGELISTA D'ABREU

DR. CARLOS MONIZ TAVARES
Cirurgião em Chefe do Exercito

Chegando ao termo de essa tão longa e porfiada campanha, como a historia das obras publicas de Portugal não assignala outra, consegue no minimo tempo levar os primeiros comboios á fronteira de leste e á margem esquerda do Douro.

Mas não descansa.

Certo do longo intervallo que ia ter entre nós a construcção dos caminhos de ferro, acceita do Governo a commissão da obra do melhoramento do arsenal de marinha e a breve trecho se acha no meio de faina diversa e não menos ardua.

Vê surgir deante de si o problema do porto de Lisboa e não hesita, estabelecendo-o nos seus dados fundamentaes e affrontando-o em toda a sua magnitude.

A' beira do Tejo, no caes dos Soldados, coroára a sua obra construindo a *estação-mãe* dos caminhos de ferro portuguezes; kilometro e meio a jusante, traçando a *linha-mestra* do plano geral do nosso primeiro porto maritimo, projectando a reforma das installações do arsenal de marinha em harmonia com o que tinha visto de mais apropriavel em França e em Inglaterra, vae erigir outro monumento de intelligencia e actividade.»

. . . . . .

Não logrou o seu intento. O sopro do infortunio o arremessa para o manicomio e pouco depois sobreveiu a morte, cobrindo de lucto a engenheria portugueza.

Amigos dedicados e discipulos respeitosos e tambem amigos, profundamente compungidos, cumpriram o piedoso dever de acompanhar até o cemiterio o corpo de aquelle prestante cidadão que sómente á sua intelligencia, ao seu caracter e á sua actividade devêra o renome que chegou a adquirir no lapso de poucos annos.

Agora, trinta e cinco annos depois, bem mereceu a Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes, avivando e celebrando, ainda que tardiamente, a memoria de João Evangelista de Abreu, inaugurando solemnemente o retrato d'este illustre engenheiro na sala das suas sessões, promovendo, emfim, que a municipalidade désse o nome de João Evangelista á avenida marginal do Tejo desde a Alfandega até a estação dos caminhos de ferro de Leste e Norte, estação que elle projectou e construiu como remate da sua grande obra.

Publicando o seu retrato e acompanhando-o com estas linhas, gostosamente contribuimos para a commemoração.

DR. CARLOS MONIZ TAVARES

Por haver attingido o limite de idade o sr. dr. Cunha Belem, foi nomeado com o posto de coronel cirurgião em chefe do exercito, o sr. dr. Carlos Moniz Tavares, que na direcção do hospital militar da Estrella bem mostrou o seu valor como funccionario zeloso, illustrado e em tudo á altura do primeiro estabelecimento hospitalar do nosso exercito.

Carlos Moniz Tavores nasceu em Lisboa a 6 de fevereiro de 1844, alistando-se em 21 de junho de 1865 no quadro dos aspirantes a medicos do exercito, tendo já muito adeantado o seu curso na Escola Medica, que frequentou com distincção, sendo nomeado cirurgião ajudante em 3 de agosto de 1868, dando sempre na sua carreira muitas provas de talento e de grande correcção de caracter, pelo que grangeou grandes sympathias entre os seus collegas e subordinados.

Foi promovido a cirurgião-mór em 11 de janeiro de 1883, a major em 1895 e a tenente coronel em 1899.

No intervallo d'estes ultimos quatro annos é que lhe foi confiada a direcção do Hospital da Estrella, deixando ali bem demonstrada a sua muita energia, força de vontade e grandes conhecimentos especiaes não só scientificos mas ainda os que se tornam necessarios á boa regulamentação e hygiene d'aquelle estabelecimento, a par dos melhores do estrangeiro, e cujas tradições são honrosas em muitos periodos da sua existencia.

Sobretudo nas occasiões de grande movimento de doentes produzido pelo regresso de varias expedições d'Africa, no recrudescimento das epidemias de grippe e na apparição da peste bubonica, o sr. Moniz Tavares foi um verdadeiro exemplo de energia, dedicação e zelo não só pelo interesse que lhe mereciam causas de tamanha gravidade, como pela responsabilidade que lhe impendia na salubridade da capital.

Uma das glorias do distincto medico militar é a de ser elle o iniciador do primeiro parque vaccinogenico de vaccina animal, em Lisboa.

Foi a expensas suas que estudou o problema nos paizes mais adiantados da Europa e quem nos tem feito conhecer as vantagens de um melhoramento de tão grande importancia.

Muitas outras provas da sua elevada competencia poderiamos produzir, mas estas bastam para o indicar como um espirito culto e digno do alto grau na hierarchia dos medicos militares, em que foi agora investido.

A FAIXA SARAPINTADA

POR

Conan Doyle

(Continuado do n.º 930)

«E' um caso assás tenebroso, disse por fim. Ha mil pormenores de que eu desejaria inteirar-me antes de assentar o nosso modo de proceder. Mas não podemos desperdiçar um instante, sequer. Suppondo que hoje, ainda, iamos a Stoke-Moran, ser-nos-ia possivel visitar esses quartos sem que seu padrasto o soubesse?

— Coincide exactamente o elle ter falado em vir hoje á cidade tratar um negocio importante. E' provavel que esteja ausente todo o dia, e que nada venha estorvar-nos. Temos actualmente uma creada de todo o serviço, mas é velha e parvoa, e afasta-la-ei com facilidade.

— Optimo! Tens alguma objecção que fazer a esta nossa excursão, Watson?

— Nenhuma, em absoluto.

— Muito bem, iremos todos.

E miss Stoner, presentemente, que tem que fazer?

— Vou dar uma volta, ou duas, visto que vim á cidade.

Ir-me-ei embora no comboio do meio dia, de modo a achar-me ali a horas de os receber.

— E póde contar comnosco, cedo, pela volta da tarde. Eu proprio tenho que attender a uns negocios. Não nos quer dar a honra de almoçar comnosco?

— Obrigada, mas tenho que me ir embora. Vou com o coração alliviado, e não pouco, agora que lhe confiei o meu desgosto.

E até logo.»

Puxou para a cára o denso veu e, apressando o passo, afastou-se.

«— Que pensas tu de tudo isto, Watson? perguntou Holmes, repotreando-se na poltrona.

— Parece-me ser um caso obscuro quanto sinistro.

— Obscuro, dizes bem, e não menos sinistro.

— E sem embargo, se é verdade o que ella affirma, acharem-se intactos quer o sobrado quer as paredes, e serem impervias, em absoluto, a porta, a janella e a chaminé, a irmã achar-se — indubitavelmente sósinha no acto de falecer.

— E onde ficam então os taes assobios nocturnos, e as singularissimas palavras da moribunda?

— Nem sei que pense.

— Se estabeleceres uma approximação entre aquelles assobios nocturnos e a presença de uma malta de ciganos privando com o edoso doutor, os fortes indicios de em como a este lhe interessa impedir o casamento da enteáda, a allusão da defunta a uma faixa, e em conclusão, o facto de haver miss Helena Stoner ouvido um choque metallico, que haverá podido ser motivado pelo deslocamento de um dos varões de ferro dos postigos, quer me parecer que é d'este lado que devemos procurar a explicação do misterio.

— Mas, sendo assim, que fizeram então os taes ciganos?

— Ignoro tudo em absoluto.

— Nem por isso acho muito peremptorio esse teu raciocinio.

— E eu ainda menos e é por isso exactamente que hoje vamos a Stoke-Moran. Quero verificar se acaso as objecções que se suscitam ao meu espirito serão insuperaveis, ou se poderão ser refutadas. Mas, co'os demonios!...»

Fôra extorquida esta exclamação ao meu companheiro pelo facto de se abrir de repellão a porta e pela apparição de um individuo de elevada estatura. O seu traje apresentava mescla singular de homem de fino trato e de agricultor, pois usava chapeu alto, sobrecasaca comprida, e um par de polainas até as coixas: trazia na mão um chicote de caçador. Era tão alto que o chapeu tocava na verga da porta, e tão largo que parecia encher a abertura, por inteiro.

O rosto, largo, sulcado de um milheiro de rugas, crestado do sol, ostentava o cunho das mais vis paixões; detinha o olhar alternadamente sobre cada um de nós: os olhos incovados, injectados de sangue, e o nariz de gancho e emaciádo, imprimiam-lhe um não sei quê de ave de rapina.

— Qual dos senhores é o senhor Holmes? perguntou a singular personagem.

— Sou eu; desejaria porém saber a quem tenho a honra de me estar dirigindo, respondeu o meu companheiro, placidamente.

— Sou o doutor Grimesby Roylott, de Stoke-Moran.

— Deveras, doutor, adduziu Holmes, em tom mellifluo; queira sentar-se.»

— Por certo que não. Esteve aqui a minha enteada — Que foi que ella lhe contou?

— Para a estação em que estamos, faz frio a valer, retorquiu Holmes.

— Que foi que ella lhe disse? bramiu furibundo o anciáo.

— E ouvi dizer que o açafrão este anno havia de ser magnifico, proseguiu o meu amigo, sem perder as estribeiras.

— Ha! ha! Não quer responder? prorompeu o nosso visitante, dando um passo á frente e brandindo o chicote. Bem te conheço, grandissimo patife! Já ouvi falar a teu respeito. E's o Holmes.»

Sorriu-se o meu amigo.

«O Holmes, aquelle homem que se méte onde não é chamado.

O meu amigo sorriu-se com desasombro.

«Holmes, o engraixa-botas de Scotland-Yard.»

Holmes d'esta vez riu com gosto.

— Vou me interessando pelo senhor. O que peço, é, quando se retirar, que feche bem a porta, pois nos deixou a mercê de uma corrente de ar.

— Retirar-me-ei quando tiver visto o fundo ao saco. Prohibo-lhe que se intrometa nos meus negocios. Estou sciente de ter vindo aqui Miss Stoner.

Espreitei-a! Saiba que sou um homem perigoso para quem quer que me resista. E senão, veja!

Avançou rapido, deitou a mão tisnada ao atiçador do fogão, e dobrou-o ao meio.

«Conserve-se de largo» bramiu, e atirando para o lume o contorcido atiçador, sahiu a passos largos.

— Pareceu-me ser um individuo em extremo amavel, sentenceou Holmes, a rir. Não sou tão maçudo como elle, mas, se se tem demorado mais um pedaço, ter-lhe-ia feito ver que o meu pulso não é somenos do seu.»

Disse, e agarrando no atiçador, com um puxão unico, indireitou-o.

«Se ha maior insolencia, confundir-me com a policia de segurança! Este incidente communica um encanto a mais ao nosso inquerito: ouso esperar apenas que a nossa amiguinha não teria que soffrer pela sua imprudencia em se deixar espreitar. E agora, Watson, toca a mandar vir o almoço, e depois, irei á Camara Syndical dos medicos, onde espero recolher algumas informações de utilidade.

Era quasi uma hora quando Sherlok Holmes voltou para casa. Trazia na mão um papel azul todo elle algarismos e apontamentos.

— Vi o testamento da fallecida esposa, disse. Para o entender cabalmente, tive que calcular o valor actual das quantias nelle mencionadas. O rendimento total, que á data do fallecimento orçaria por umas mil e cem libras esterlinas, acha-se hoje reduzido, por motivo da baixa dos productos agricolas, a 750 libras. Cada uma das filhas tem direito, quando casar, a um rendimento de 250 libras. Resulta, pois, claro que, dado o caso de ambas virem a tomar estado, o bom do homemzinho achar-se-ia reduzido a um quinhão assás magro; o proprio casamento de uma d'ellas far-lhe-ia um rombo importante nos rendimentos. Não foram portanto inuteis as pesquizas a que procedi esta manhã, visto provarem até á evidencia que o doutor Roylott tem as melhores razões d'este mundo para se oppôr a semelhante projecto. E agora, Watson, o caso vae sendo serio de mais, para que percamos tempo a mandriar, tanto mais que o velhote sabe que tomamos interesse pelos seus negocios. Se estás disposto a isso, vamos metter-nos em uma tipoia e ala para a estação de Waterlow. Muito me obsequiarás metendo no bolso o teu revolver. Um Eley n.º 2 é argumento efficaz contra individuos que podem dobrar ao meio atiçadores de fogão. Accrescenta a isso uma escova dos dentes, e eis-nos armados e esquipados.

Em Waterlow, tivemos a sorte de incontrar um comboio prompto a largar para Leatherhead, onde alugámos, no hotel da estação, uma carruagem. Percorremos um espaço de quatro a cinco milhas, através das estradas lindissimas do condado de Surrey. Era em um delicioso dia de primavera, alegrado por um sol formosissimo, ao qual, por instantes, velavam uns flocos soltos de nuvens. As arvores e as sébes á beira da estrada principiavam a vestir-se de rebentos, e o ar res-

cendia com a suave fragrancia da terra molhada. Que singular constraste não apresentavam o despertar da natureza tão rica de esperanças e a taréfa sinistra em que iamos empenhados! O meu companheiro, sentado na almofada do trem, de braços cruzados, com o chapeu derrubado sobre os olhos, e a barba fincada no peito, dir-se-ia ir totalmente absorto em suas reflexões. De subito, estremeceu, bateu-me uma palmada no hombro, e apontando para os prados:

— Olha, proferiu.

Divisei um parque arborizado, subindo em suave declivio e terminando em uma deveza. Por entre as ramádas surdiam as empênas pardacentas, e as grimpas muito altas de um velhissimo casarão.

— Stoke Moran? — disse.

— Sim, senhor, é á casa do doutor Grimesby Roylott, respondeu o cocheiro.

— Está em obras, disse Holmes; é ali que vamos.

— Acolá é a aldeia, disse o cocheiro, apontando para um grupo de telhados pouco distante, á esquerda; mas se quizerem ir direitos á residencia, encurtam caminho galgando aquelle tapume, e tomando pelo carreiro que atravessa os campos, para aquelle lado, onde anda aquella senhora a passear.

— E aquella senhora, supponho eu, será Miss Stoner, observou Holmes, pondo a mão á laia de pala sobre os olhos para melhor se affirmar, Parece-me sensato o seu alvitre.

Apeámo-nos do trem, pagámos ao cocheiro, e o nosso vehiculo, retrocedendo, abalou a caminho de Leatherhead.

— Julguei mais acertado, proferiu Holmes, ao galgar o tapume, incutir ao nosso cocheiro a persuasão de que vimos aqui na qualidade de architectos e para um determinando trabalho. Dará menos pasto ás más linguas. Muito boa tarde, Miss Stoner.

Cumprimos a nossa palavra, conforme vê.

(Continua) *M. Macedo.*

ALDEIA EM FESTA

Comedia-drama em 1 acto em verso, por Mario Monteiro. Lisboa — Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso. — O talentoso e novel poeta Mario Monteiro, entregou ao illustrado gerente da Casa Tavares Cardoso, o nosso amigo Gomes de Carvalho, uma producção sua theatral, que saiu ha poucos dias e de que vamos dar uma noticia, de que préviamente pedimos desculpa por ir feril-o na sua modestia em inserirmos seu retrato.

Mario Monteiro

A these sobre que é escripta a comedia-drama é já gasta, mas não deixa por isso de ter valor.

E' a eterna historia d'uma moçoila que não gosta d'um ingenuo namorado, para gostar d'um outro que a desvirtua! Nada mais. Na *Aldeia em festa* figura um louco que na sua loucura e em palavras desconnexas consegue fazer comprehender ao infeliz enamorado o que entre *Maria* e o *Morgado* houve. O pae não comprehende ou finge não comprehender. João — a quem o pae da conversada lhe pede para lhe perdoar a velleidade — comtudo João accede resignado, não casando com ella, por um primo d'ella a haver — por carta do Brazil — pedidio.

Escripta n'um verso burilado e elegante, é bonita e singela essa pequenina producção dramatica, d'onde — com a devida vénia — reproduzimos a *fala* dita por um dos interpretes á laia de *prologo:*

Ao norte do Pais, lá num canto da Beira'
Onde ha noites de lua e noites de lareira,
Ha muito que se vê uma pequena herdade
Que em tempos pertenceu ao fallecido abbade.

O sol, em todo anno, em beijos sensuaes,
Vae lá dormir a sésta, a rir, nos olivaes!

A terra não é má, e a casa bem caiada
Parece um lenço branco, vista da estrada

Uns pinheiros esguios servem de moldura
A'quelle ninho humilde, cheio de ventura.

Sorriem, junto á porta, as rosas nuns canteiros
Emquanto lá ao longe, passam os boieiros
Cantando uma canção ou rindo alegremente.

A vida nessa herdade em tudo é bem diff'rente
Da vida que se passa e vive cá por fóra...
Ali canta a ventura, a meiga luz da aurora!

Em tempos que já lá vão, vivia descançado,
Nessa herdade antiga, além do povoado,
O pae do nosso amigo e velho regedor.

Agora vive nella um rude lavrador.
E foi ali, senhores, nessa velha herdade,
Que em tempos pertenceu ao fallecido abbade,
Que, ha dias, succedeu um caso singular...
Olhae-o... *Aldeia em festa*, scena popular.

Por esta amostra poderão o amavel leitor e a sympathica leitora avaliar do merito da obra dramatica de Mario Monteiro, que tem já um bom numero de producções poeticas, d'entre as quaes destacaremos *Alcacer Kibir* e *Angelus* que são dois primores littetrarios.

Ao novel poeta agradecemos a amabilidade da offerta do exemplar.

Henrique Marques Junior.

LICÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

Poucas pessoas deixarão de possuir em suas casas, um retrato de seus avós em *daguerreotypo.*

Vamos indicar-lhes um meio de os converter em photographia moderna.

Primeiramente deve se limpar bem a imagem, sem quasi lhe tocar afim de lhe eliminar a camada de oxydo de prata; em seguida, por meio do alcool, tirar-lhe as substancias gordas, e laval-a em agua corrente. Dissolva-se, depois, o oxydo de prata n'uma solução de cyaneto de potassio tomando as maximas cautellas com este sal, que é extremamente venenoso. Faz uma solução de cyaneto a 5 %, e d'esta, collocar-se-ha 20cm3 de agua contidas n'um vidro, deitando este banho sobre a chapa tantas vezes quantas as necessarias para eliminar todo o oxydo de prata. A chapa seccar-se-ha a uma lampada de alcool, procedendo-se em seguida á sua reproducção; sendo necessario operar-se com rma luz inclinada de 45°, sobre o *daguerreotypo.* Como a machina photographica deve ser collocada contra as janellas para que o eixo das lentes seja perpendicular ao plano das imagens, collocar-se-ha sobre as objectivas, um *parasol* constituido por uma especie de cartucho de papel negro de 15 a 20cm de comprido.

O MEZ METEOROLOGICO

Janeiro 1905

Altura barometrica: — Max. em 28 — 780mm,3.
» — Min. em 16 — 757mm,5.

A altura do barometro accusada em 28, só foi excedida uma vez, desde a fundação do observatorio, em 1898, em egual mez (780mm,9). Em 29, marcava ainda o barometro, 779mm,7 e em 30, 779mm,8.

Thermometro: — Max. em 31 — 17°,6.
» — Min. em 4 — 1°,2.

Foi dos mezes de janeiro mais frios d'estes ultimos annos.

Desde 1896-97 que, em janeiro, não houve tantos dias de temperaturas inferiores a 5°, como succedeu este anno.

A temperatura maxima, de 31, foi bastante elevada, para este mez.

Vento dominante — NE.

Chuvas — 56mm,2 divididos em 9 dias, de 13 a 21.

Nebulosidade — Céu limpo — 13 dias.
» — Algumas nuuens — 6 dias.
» — Nublado — 6 dias.
» — Encoberto — 6 dias.

Gelo — em 2 e 3. — Halo da lua em 17.

NECROLOGIA

Dr. Francisco Barahona

O illustre morto era uma das figuras mais distinctas da sociedade portugueza.

Formado em direito, par do reino, official mór da Casa Real, não tinha outros titulos nobliarchicos, porque os não quizera, se bem que pelo seu nascimento e pelos seus relevantes serviços á politica e á humanidade tivesse incontestavel jus a elles.

O dr. Barahona, era immensamente modesto e a sua mão bemfazeja soccorreu muito desgraça e estancou muita lagrima.

Era um grande agricultor e se bem que pela sua importante fortuna não tivesse necessidade de recorrer aos rendimentos das suas vastas propriedades, ellas denunciavam o seu exforço e o seu interesse em todos os trabalhos agricolas dando-lhe grande impulso com a sua intelligente e forte iniciativa.

O seu palacio era um precioso museu d'arte. N'elle se admiravam muitas obras dos nossos mais notaveis artistas, sendo d'essas preciosidades a baixella que elle mandára fazer ultimamente nas officinas do joalheiro Leitão, com desenhos de Columbano Bordallo Pinheiro, e que muito tempo esteve exposta ao publico n'aquella joalheria.

A' sua custa foi construido o theatro *Garcia de Rezende*, obra digna d'uma grande cidade e que o dr. Barahona legou á camara municipal de Evora.

Muitos artistas nossos em horas de desalento se acolheram á sua magnanima protecção, e ella nunca foi negada escolhendo sempre a fórma de poder prestar o auxilio pedido sem melindrar nem humilhar o amor proprio de ninguem.

Carneiro Junior, pintor portuense, estudou em Paris, subsiado pelo dr. Barahona e muitos outros artistas receberam d'elle provas incontestaveis, não só do grande coração com que a natureza o dotára como homem, mas do interesse pela arte que mais o apaixonára desde muitos annos.

El-Rei tinha pelo sr. dr. Francisco Barahona a mais sincera estima e por mais d'uma vez lhe dera a honra de ser seu hospede em Evora, honra que tambem lhe dera S. Magestade a Rainha Senhora D. Amelia.

O dr. Francisco Eduardo Barahona Fragoso, nasceu em Evora, em 7 de outubro de 1843 e falleceu na mesma cidade a 25 de janeiro de 1905.

Era filho do conde da Esperança, José Maria de Barahona Fragoso Cordovil da Gama Lobo, moço fidalgo com exercicio na Casa Real e da condessa D. Maria Margarida de Barahona Fragoso da Fonseca Pessanha.

A morte do dr. Barahona contristou toda a cidade de Evora e a provincia inteira do Alemtejo que perdeu n'elle um protector disvellado e um prestante e benemerito filho.

A pobreza chora a perda de um grande bemfeitor e a arte portugueza um dos seus maiores admiradores e protectores.

Candido Xavier Cordeiro

No dia 20 de Janeiro ultimo, falleceu em Lisboa, Candido Celestino Xavier Cordeiro, inspector geral d'obras publicas e engenheiro consultor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

Homem inteiramente devotado á sciencia, desde os bancos da Universidade de Coimbra, onde se formou em mathematica e philosophia no que se distinguiu e de tal modo que ali o queriam para lente, quando apenas contava 22 annos de edade.

Dedicando-se á engenharia foi completar o seu curso na Escola de pontes e calçadas, de Paris, onde foi estudante laureado.

Seu nome figura em primeiro logar na historia dos caminhos de ferro de Portugal, pela grande parte que elle tomou na sua construcção.

Successivamente collaborou nos caminhos de ferro do Minho e Douro, no de Mormugão a Nova-Hbli, na rede a cargo da Companhia Real dos

DR. FRANCISCO BARAHONA

Caminhos de Ferro Portuguezes, na ponte de dois taboleiros sobre o Lima, no viaducto de Durraens, no tunnel do Tamel, na ponte Maria Pia, na ponte D. Luiz, na ponte de Lares sobre o Mondego, no tunnel e estação do Rocio, finalmente em todas as obras de maior importancia e belleza, n'este genero, elle interveiu ou como auctor, ou como executor ou fazendo experiencias.

O seu conselho era sempre ouvido na solução dos mais difficeis problemas da engenharia em que era profundo.

Nos ultimos annos dedicou o melhor de seus estudos ao projecto do caminho de ferro de Valle do Vougo, projecto que defendeu com ardor, mas que infelizmente não viu realisado.

Tanto na Exposição Universal de Paris de 1900, como nos congressos internacionaes, foram justamente considerados os seus trabalhos, sendo altamente apreciada a sua collaboração, durante trinta annos no jornal da Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes, obtendo uma medalha de ouro e diploma de honra.

A Academia Real das Sciencias de Lisboa contava-o no seu gremio, e pela commissão que desempenhou no caminho de ferro de Mormugão, agraciou-o o governo com a commenda da ordem de Christo.

Além de inspector geral de obras publicas, era membro do conselho superior de obras publicas e minas, inspector dos edificios publicos, vogal do conselho dos monumentos nacionaes e membro de muitas commissões de serviço da sua especialidade, em que era sempre indispensavel o seu concurso.

A' sua grande illustração e saber, juntava Xavier Cordeiro os primores do seu caracter, e da mais absoluta modestia, como é proprio do verdadeiro merito.

CANDIDO XAVIER CORDEIRO

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Kalendarios e brindes. — Recebemos dos conhecidos engenheiros *A. Beauvalet & C.ª*, installados no Palacio Foz, uns magnificos cinzeiros em aluminium, annuncio d'aquella importante casa automobilista, unicos e exclusivos representantes em Portugal dos excellentes e memoraveis automoveis *Peugeot*.

Comp.ª La Union y el Fénix Español. — D'esta acreditada companhia tambem recebemos um lindo e util kalendario de parede.

Agentes em Portugal, Lima Mayer & C.ª — Rua da Prata.

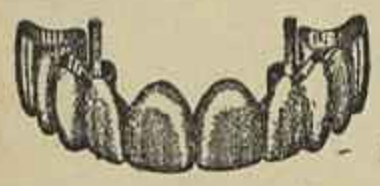
Boletim Photographico. — Cremos ter terminado a sua publicação este excellente Boletim, visto não termos recebido mais nenhum numero além do n.º 36 do 3.º anno. Sentimos porque era uma publicação interessante e especialmente consagrada a assumptos da classe photographica.

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA



CONSULTORIO CIRURGICO DENTARIO DE

Gomes Costa

Cirurgião dentista especialista

Doenças da bocca e cor-"das def." nasaes, clinica dentaria e collocação de dentes

Consultorio — Rua da Boa Vista, 164, 1.º

Caixa Geral de Depositos e Instituições de Previdencia

Operações pela Caixa Geral de Depositos

Adeantamentos de juros de quaesquer titulos de divida publica que não estejam immobilisados perpetua ou temporariamente. — Emprestimos a curto praso sobre penhor dos mesmos titulos. — Emprestimos a corporações administrativas. — Desconto de letras sacadas sobre o thesoureiro do ministerio da marinha. — Adiantamentos de vencimentos a funccionarios publicos e pensionistas do estado. — Operações em c/c de subsidios devidos por lei e descriptos no orçamento geral do estado com encargo regular e effectivo do thesouro.

O juro, praso e demais condições das operações acima mencionadas serão determinados segundo as circumstancias do mercado.

Operações pela Caixa Economica Portugueza

Depositos vencendo juros de 3,60 por cento ao anno capitalisados annualmente.

Os depositos podem-se elevar em cada anno até á quantia de 1:000$000 réis, não podendo, porém, cada depositante ter em deposito quantia superior a 3:000$000 réis.

LE DICTIONNAIRE DES SIX LANGUES

Médaille à l'Exposition Universelle de Paris de 1900

Français, Allemand, Anglais, Espagnol, Italien et Portugais

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal

Henrique Bastos — Cirurgião dos hospitaes

DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO

Exame endoscopico da urethra e bexiga.

Colheita de urina de cada um dos rins

CONSULTAS { Senhoras — ás 10 horas da manhã / Homens — ás 2 » da tarde

LISBOA — Largo da Annunciada, 9 — LISBOA

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.ª

Rua de S. Paulo, 216, 2.º — LISBOA

N.º telephonico 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

EMPREZA DE CARRUAGENS FIDELIDADE

Proprietario — JOÃO FILIPPE DA FONSECA JUNIOR

N.º TELEPHONICO 500

Aluga Coupés, Mylords, Caleches, Landaus e Clarences para todos os serviços.

Rua de S. Bento, 46 — LISBOA

E no ESTORIL, Parque do Ex.mo Sr. José Vianna

Almanach illustrado do «Occidente»

PARA 1905

Sahiu a publico este magnifico annuario, e encontra-se á venda em todas as livrarias. A capa é um lindo chromo, reproduzindo um typo de mulher do Minho, de um bello effeito, aguarella de José Leite.

Preço 200 réis e 220 pelo correio

Recebem-se encommendas na

Empresa do OCCIDENTE — Lisboa

PHOTOGRAPHIA FILLON

A mais antiga de Portugal

A. BOBONE

Pintor photographo de Suas Magestades e Altezas

Premiado em diversas exposições estrangeiras com o Grand Prix, 4 diplomas de honra 8 medalhas d'ouro e 2 de prata

Fazem-se retratos em todos os generos

Grande collecção de monumentos historicos, museus e academias do paiz

79, RUA SERPA PINTO, 87 (Chiado, junto da Egreja dos Martyres), Lisboa